

Cinqüentenário
da morte de
Monteiro Lobato

FOL CLO RE

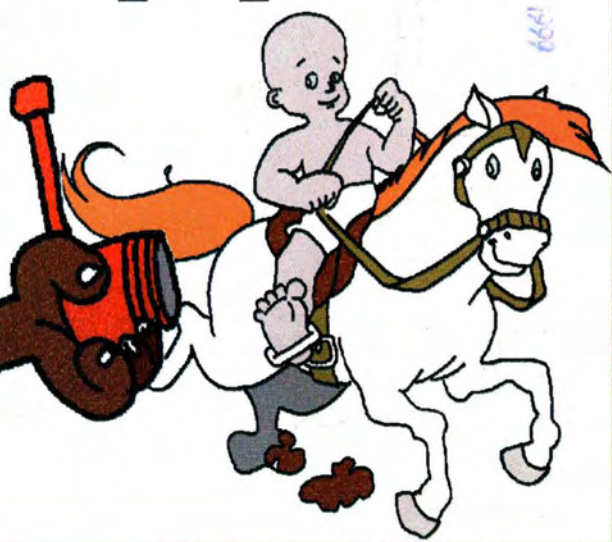
DF
LETRAS
A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO V Nº 57/58
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

CONTRATO Nº 281-0/97
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF
OP. AC/CÂMARA LEGISLATIVA



Tradição
e sabedoria
popular



91 FEB 1999

91 FEB 1999

VA
|
|
|



Vizinha bruxa

□ SIRLEI MARIA DAVI

Comecei a orar com todo o fervor para que ela morresse. Não é que Deus me escutou! Piorou a história: tremia e não conseguia chegar até aquela casa, voltava sem ir à aula. Temia, loucamente, que, à noite, ela pegasse minhas pernas.

Não é porque era feia, tal qual uma bruxa, que eu não gostava dela, mas aquela vizinha vivia implicando comigo. Embora sendo eu o mais velho da fileira de irmãos, eu ainda era bem garoto. Não era pelos meus oito anos que temia a distância até a aula, mas por ter que passar na casa da bendita vizinha.

Éramos cinco séries, da primeira à quinta, na mesma sala de aula e com uma única professora. Ela só ensinava os que já sabiam alguma coisa (eles sabiam perguntar). Eu espichava bem o pescoço para tentar apanhar algo que me ajudasse a ler as minhas revistas que meu padrinho me mandava todo mês. Quando conseguia ouvir algo, dificilmente entendia, ou, para ser sincero, não compreendia "bulhufas". A única coisa que eu conhecia a respeito delas é que versavam sobre a Segunda Guerra Mundial, mas era o único livro que orgulhava nosso rancho.

Eu as folheava, observava, tentava deduzir, inventava a minha própria história sobre as figuras horrendas de pessoas fuziladas, campos de concentração, crianças barrigudas como eu e até piores (por que as crianças que passam fome são barrigudas?) perguntava-me a cada vez que dormia sobre uma daquelas lembranças... Indagava daqui e dali, mas ninguém, nem mãe, nem pai sabiam ler direito. Deduzi isso quando dei a mesma reportagem para os dois. Primeiro para papai; quando mamãe leu, pensei: "Ela não sabe ler", mas fiquei em dúvida: poderia ser papai que não soubesse ler?! Não iria engolir sapo por lebre; apliquei o mesmo teste com um vizinho e papai; não bateu outra vez.

Como falei, para ir à aula tinha que passar bem em frente da casa da vizinha, que nunca deixava de implicar ou com uma coisa ou com outra, mas o objeto era sempre o mesmo: eu.

Comecei a orar com todo o fervor para que ela morresse. Não é que Deus me escutou! Piorou a história: tremia e não conseguia chegar até aquela casa, voltava sem ir à aula. Temia, loucamente, que, à noite, ela pegasse minhas pernas. Não bastava ter que atravessar a ponte onde habitavam as almas das vacas, quando queria ir caçar à noite? Ainda bem que a vaca negra tinha alma branca, mas a branca tinha uma alma que nem carvão, e eu tremia como vara verde de tanto pavor.

Se me atrevesse a enfrentar a bruxa, que já não mais deveria ser minha vizinha, mas que insistia em ser, passando pela sua casa para ir à aula? Ah! A malvada iria seguir-me na certa e, além disso, ficaria ao lado da professora para caçoar de mim. Se sendo viva e sem eu fazer nada, ela já era impliquenta comigo, imaginem depois de morta e, certamente, sabendo que Deus a matara a meu pedido? Decidido: não iria arriscar-me, era o fim da escola; mas quem iria ensinar-me a ler minhas revistas?

Acho que havia sobrado oração, porque, quando completei doze anos, mamãe morreu também. Papai distribuiu os irmãos e eu saí mundo afora, sozinho e com uma trouxinha embaixo do braço, em busca de alguém que me ensinasse a ler minhas revistas...

Este conto obteve o 1º lugar - medalha de ouro e prêmio - no concurso Prosa & Verso, da Caixa Econômica Federal.